

## **Jane Austen e a posição da mulher nas artes performáticas e literárias.**

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17012640>

Anna Luisa Santos Rocha (História - Licenciatura/UFG)

Email: [annaluisasrocha@gmail.com](mailto:annaluisasrocha@gmail.com)

**Resumo:** Este ensaio analisa a relação entre as obras da autora romântica inglesa Jane Austen com artistas negras das vertentes femininas do Rap e Blues dos séculos XX e XXI. Foi analisado os pontos de interseccionalidade e divergência entre as heroínas dos romances de Jane Austen e cantoras negras de gêneros musicais originários da cultura afro-americana. As obras de Austen abordam temáticas comuns às mulheres do século XIX e que continuam presentes em discussões atuais. O objetivo deste trabalho é analisar as problemáticas apresentadas pela autora romântica através de suas heroínas - mulheres brancas - e compará-las com discussões abordadas por mulheres negras em suas músicas e pensarmos em como a presença feminina nas artes é algo necessário para a formação de uma rede de apoio e inspiração para outras mulheres.

**Palavras-chave:** Jane Austen; Feminismo; Rap Feminino; Blues.

### **Relação dos romances de Jane Austen com o rap e blues.**

Jane Austen (1775-1817) foi uma escritora inglesa conhecida por seus romances que exploram questões sociais e românticas, com destaque para “Orgulho e Preconceito” (1813), “Razão e Sensibilidade” (1811) e “Persuasão” (1817). Sua escrita é marcada por personagens memoráveis e uma crítica sutil e irônica às relações de classe e ao papel da mulher na sociedade de sua época. As obras de Jane Austen, em sua maioria, abordam de forma semelhante temas recorrentes, como os desafios pessoais e familiares das personagens femininas. Tais desafios envolvem questões como casamento, distribuição de herança entre filhas mulheres e os relacionamentos entre diferentes classes sociais. Nos títulos apresentados acima, o núcleo de personagens e os temas tratados são bastante próximos: famílias numerosas, compostas quase sempre apenas por filhas, que precisam se casar com homens bem-sucedidos para garantir um futuro confortável, uma vez que, por tradição, não têm direito à herança paterna.

Na dissertação “Jane Austen: Conformista ou crítica do papel da mulher no séc. XIX? Uma análise histórico-literária de ‘Orgulho e Preconceito’ e a mulher no direito sucessório” apresentada por Daniella B. Vaz à Universidade Mackenzie, é apresentada a correlação da obra de Austen com o Direito Sucessório. À época do livro (1813), já estava em vigor os direitos sucessórios propostos por William Blackstone (1723-1780) na obra “Comentários

sobre as Leis da Inglaterra - volume 2”<sup>1</sup>, direitos esses que seriam pontos cruciais de desenvolvimento da narrativa não somente de “Orgulho e Preconceito”, mas, também, das obras “Persuasão” e “Razão e Sensibilidade”, obras cujas narrativas centrais giravam em torno da sucessão de bens para herdeiras mulheres e dos problemas que tal regra desencadeia nas vidas e nos relacionamentos interpessoais dos personagens das obras de Austen.

Como apresentado por Ivan Jablonka, em sua obra “A História É Uma Literatura Contemporânea” (2014), a escrita de Jane Austen seria classificada como “transitiva”. Ao basear-se em leis oficiais e questões sociopolítica-econômicas contemporâneas que ocorrem no “mundo real” durante a escrita de seus romances, Austen reflete o mundo real em uma espécie de mimese em suas obras ficcionais; “O romancista seria, assim, um alquimista que transforma o material (a sociedade de seu tempo, sua própria experiência), “correspondente” real da ficção.” (Jablonka, 2014, p. 247).

Seguindo a mesma abordagem, Linda Hutcheon disserta em seu livro “Poética do Pós-Modernismo” (1991) que mesmo as obras de ficção são fruto dos discursos sócio político-econômicos e culturais de sua época contemporânea, portanto, ao lermos as obras de Austen, mesmo que não sejam pós-modernas (período o qual Hutcheon trata em sua obra) podemos entender melhor a conjuntura da trama dramática das personagens e a maneira disfarçada e irônica que Jane Austen tecia suas críticas quando entendemos em que sociedade Austen estava inserida no momento da escrita de suas obras.

Seguindo o tema do pós-modernismo de Linda Hutcheon, trarei à tona as semelhanças e diferenças dos livros de Austen e as obras de artistas femininas do século XX e XXI que também criticavam de diversas maneiras diferentes o sistema social ao qual estavam incluídas. Como ponto principal dessa comparação, trarei como exemplos mulheres que, ao contrário de Jane Austen - que era uma mulher branca -, criticaram não somente as desigualdades de gênero e classes, mas também, desigualdades raciais.

Artistas como Nina Simone, Duquesa, AJuliaCosta e muitas outras artistas negras abordam não apenas questões de gênero, mas também a luta contra o racismo, a pobreza e a objetificação das mulheres na sociedade, enquanto afirmam o poder e a independência feminina. O conceito de Interseccionalidade, cunhado pela jurista norte-americana Kimberlé

<sup>1</sup> BLACKSTONE, William. **Commentaries on the Laws of England**. Volume II: Of the Rights of Things. Oxford: Clarendon Press, 1766.

Crenshaw (1989), aborda justamente a forma que tais problemas sociais unem-se de formas variadas criando sistemas opressivos contra as mulheres negras e como essa união transparece através do espaço jurídico, seja na execução ou na aplicação das leis. A professora e pesquisadora brasileira Carla Akotirene (2018) em sua obra “Feminismos Plurais” também aborda o conceito de Crenshaw (1989), mas o contextualizando criticamente à realidade das mulheres negras brasileiras.

As mulheres presentes no Blues e Rap nacional e internacional desafiam frequentemente a interseccionalidade de Crenshaw (1989) que a sociedade lhes impõe, assim como as personagens de Austen que, embora agindo dentro dos limites de seu tempo, frequentemente mostram uma busca por autonomia, como Elizabeth Bennet de “Orgulho e Preconceito” ou Anne Elliot de “Persuasão”.

Nina Simone, figura marcante do século XX, foi, além de uma exímia musicista, uma importante voz do ativismo negro norte-americano e usou sua música como ferramenta de protesto contra o racismo e a discriminação racial nos Estados Unidos. Com canções como “Mississippi Goddam” (1964) e “To be Young, Gifted and Black” (1969), ela denunciou as injustiças contra a comunidade negra e se envolveu ativamente em movimentos sociais, destacando-se como uma voz de resistência em um período de intensas lutas pelos direitos civis. Sua arte e posicionamento político foram inseparáveis, e ela se tornou uma figura central na luta contra a opressão racial e no encorajamento da juventude negra.

Você é jovem, talentoso e preto;  
Temos de começar a contar aos nossos jovens;  
Há um mundo esperando por você;  
Esta é uma missão que está apenas começando;  
Quando você se sentir realmente pra baixo;  
Sim, há uma grande verdade que você deve saber;  
Quando você é jovem, talentoso e preto;  
Sua alma está intacta.  
(Simone, 1969, tradução feita pela autora)<sup>2</sup>

Já atualmente, no século XXI, as artistas Duquesa (24 anos) e AJuliaCosta (26 anos), rappers jovens e negras inspiradas por vozes como de Nina Simone, trazem em seus trabalhos

<sup>2</sup> Original: “You are young, gifted and black”; We must begin to tell our young; There's a world waiting for you; Yours is the quest that's just begun; When you feelin' really low; Yeah, there's a great truth that you should know; When you're young, gifted and black; Your soul's intact.

artísticos mensagens de inspiração e motivação voltadas, especialmente, para jovens como elas: negras e de origem humilde e periférica. Ambas artistas são aclamadas por trazerem mensagens de empoderamento financeiro, acadêmico e pessoal em seus raps. Assim como Elinor Dashwood, heroína de “Razão e Sensibilidade”, as rappers Duquesa e AJuliaCosta trazem reflexões racionais, pautadas em sensatez e desenvolvimento pessoal. A personagem, durante a trama, é apresentada como culta, prudente e totalmente racional, sempre influenciando sua mãe e irmãs a pensarem de maneira menos emotiva, as trazendo de volta para a realidade. Este é exatamente o papel que as rappers desenvolvem na vida de suas ouvintes, como afirma Duquesa em entrevista ao Gshow em 2024:

“Eu preciso denunciar. O rap é crítico. O rap tem posição e tem uma liberdade de expressão que você pode denunciar [...] A gente está começando a ter uma conversa de amiga para amiga. E é só isso que está acontecendo. Eu estou conversando com as minhas amigas.” (GShow. 2024.)

Sendo reforçada na fala de AJuliaCosta em entrevista para Trace Urban Brasil também em 2024:

“Estou em um momento que desejo que meus projetos mudem algo em alguém. Desde o audiovisual até a música são pensados para gerar uma transformação e acredito que consegui fazer isso nessa obra” (Trace Urban Brasil, 2024)

Como exposto nas entrevistas feitas pelas artistas Duquesa e AJuliaCosta, o rap e o blues servem como formas de expressão para mulheres que se veem marginalizadas pela sociedade patriarcal e racista, de forma interseccional (Crenshaw, 1989). As letras muitas vezes denunciam a objetificação, a violência e as restrições impostas às mulheres negras. Ao fazer isso, as artistas, tal como as heroínas de Austen, subvertem as expectativas e criam espaços para a autonomia e a autodeterminação. Mas, neste momento, podemos retomar novamente o conceito de Interseccionalidade (Crenshaw, 1989) para pensarmos como as artistas e as personagens sofrem com problemas semelhantes, mas de formas e intensidades completamente diferentes e ao combaterem e denunciarem suas lutas, cada grupo social (mulheres negras e mulheres brancas) executa isso de maneira diferente, pois suas experiências, apesar de próximas, não são similares.

A classe social é uma preocupação central nas obras de Austen, e as relações de poder muitas vezes são mediadas por ela. Em romances como Persuasão e Orgulho e Preconceito, a

mobilidade social das personagens é limitada ou facilitada por seu status econômico, e as dinâmicas de classe moldam profundamente as interações sociais e as escolhas de vida.

No rap feminino negro, as questões de classe também estão em jogo, mas dentro de um contexto de marginalização racial e econômica. As letras de rap frequentemente exploram as dificuldades que as mulheres negras enfrentam em uma sociedade que as marginaliza tanto por seu gênero quanto pela sua raça, reforçando o papel da interseccionalidade (Akotirene, 2018). As rappers, ao falarem de suas próprias experiências e da luta contra a opressão sistêmica, tocam em questões de classe, poder e resistência de uma maneira que se alinha com as críticas sociais de Austen, embora em um cenário muito mais contemporâneo e racialmente carregado do que os apresentados nas obras românticas, onde o interesse amoroso entre membros de classes sociais distintas era amplamente abordado, como entre o romance das irmãs Bennet com membros da aristocracia inglesa que, ao primeiro momento, não era visto como prudente e moral - já que a família Bennet não possuía grande fortuna - mas que, ao decorrer do romance, foi consumado o casamento entre Elizabeth Bennet e o rico e esnobe Sr. Darcy. Neste enredo, Austen exemplificou, de maneira ficcional, como eram vistos pela sociedade as uniões entre indivíduos de classes sociais distintas na Inglaterra rural do século XVIII e XIX.

Na música Big D!!! (2023) da rapper baiana Duquesa, a locutora discorre sobre as dificuldades que enfrenta na indústria cultural e na sociedade por ser uma mulher negra e, ao mesmo tempo, aconselha para os ouvintes como deverão se portar para passar a imagem de uma mulher forte e decidida, para evitar que sejam subjugadas. Já nas obras de Jane Austen, estes conselhos não são ditos de maneira direta, mas podemos observar como as personagens irreverentes, como Anne Elliot, Elizabeth Bennet e Elinor Dashwood se comportam perante as intromissões e situações de embate com personagens que representam a sociedade conservadora a qual as personagens estavam inseridas.

## Considerações Finais

Apesar de, à priori, as obras de Jane Austen serem completamente diferentes da realidade retratada nas músicas das vertentes de rap e blues feitos por mulheres negras, quando comparamos as obras musicais destes gêneros com as obras românticas da autora britânica, conseguimos pontuar semelhanças entre as narrativas, como o posicionamento contra as imposições patriarcais, incentivo à independência feminina e denúncia de problemas sociais. Observa-se que, mesmo com a diferença temporal e racial, questões de gênero e direito feminino se mantêm dentro da sociedade, adaptando-se ao tempo presente, mas continuando a assolar mulheres de diferentes locais, classes e raças.

## Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade (Feminismos Plurais)**. São Paulo, Editora Pólen, 2018.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo, Autri Books, 2024.

AUSTEN, Jane. **Persuasão**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2022.

AUSTEN, Jane. **Razão e sensibilidade**. São Paulo, Martin Claret, 2023.

“**BIG D!!!!**”. Intérprete: Duquesa. Compositores: Jeysa Ribeiro Conceição, Duani e Rizzi Get Busy. In: TAURUS. Brasil. Boogie Naípe, 2023.CD, (3:29 min).

CRENSHAW, Kimberle. “**Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**”. University of Chicago Legal Forum, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>.

Acesso em: 21 jul. 2025

GSHOW. Realeza do rap feminino, Duquesa fala sobre estreia no Rock in Rio e versos afiados: “Eu preciso denunciar, o rap é crítico”. 2024. Disponível em: <https://gshow.globo.com/festivais/rock-in-rio/2024/noticia/realeza-do-rap-feminino-duquesa>

[-fala-sobre-estreia-no-rock-in-rio-e-versos-afiados-eu-preciso-denunciar-o-rap-e-critico.ghtm](#)

>. Acesso em: 18 jan. 2025.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro, Imago, 1991.

JABLONKA, Ivan. **A História É Uma Literatura Contemporânea: Manifesto pelas Ciências Sociais**. Brasília, Editora UNB, 2021.

PACHECO, Maria Regina, & SOUZA, Fernandes Ferreira.. “A representação da voz feminina nas personagens centrais de Austen em Emma e Orgulho e Preconceito”. **Revista Ave Palavra**, UNEMAT, 2021. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/aszardini/jane-austen-vozfeminina#1>. Acesso em: 26 dez. 2024.

SIMONE, Nina. **To Be Young, Gifted and Black**. Composição de Nina Simone e Weldon Irvine. [S.l.]: RCA Victor, 1969. 1 disco (3 min 28 s), estéreo, 45 rpm.

TRACE URBAN. **Ajuliacosta tira venda dos olhos das mulheres que estão em um relacionamento abusivo no novo single “Você Parece Com Vergonha”**. Trace.tv Brasil, 4 jul. 2024. Disponível em: <https://br.trace.tv/musica/ajuliacosta-tira-venda-dos-olhos-das-mulheres-que-estao-em-um-relacionamento-abusivo-no-novo-single-voce-parece-com-vergonha/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

VAZ, Daniela Balthazar. **Jane Austen: conformista ou crítica do papel da mulher no séc. XIX?: uma análise histórico-literária de *Orgulho e Preconceito* e a mulher no direito sucessório**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.